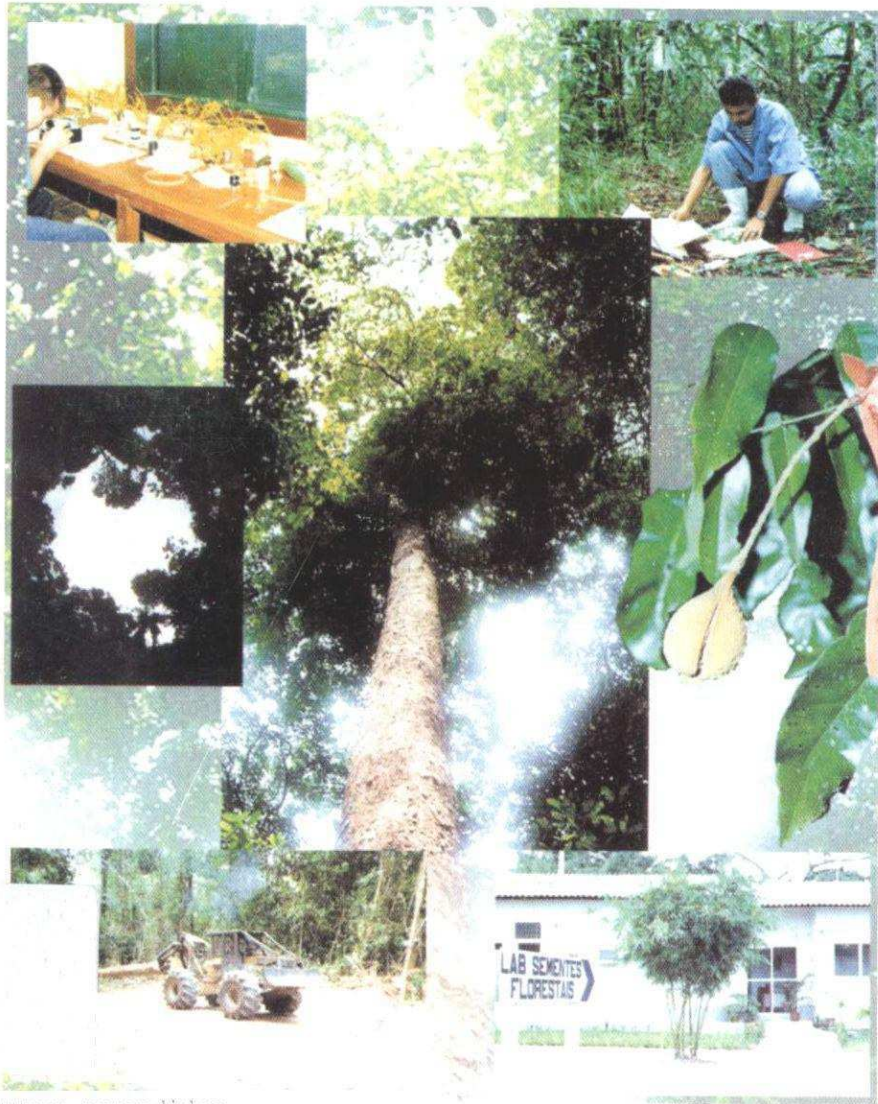


Simpósio SILVICULTURA NA AMAZÔNIA ORIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO EMBRAPA/DFID

**R
E
S
U
M
O
S

E
X
P
A
N
D
I
D
O
S**



Resumos expandidos...

1999 PC - 2005.00330

fevereiro de 1999
- Pará



30939-1

00330

SIMPÓSIO

SILVICULTURA NA AMAZÔNIA ORIENTAL:

Contribuições do Projeto Embrapa/DFID

Belém, PA, 23 a 25 de fevereiro de 1999

Resumos Expandidos



**Belém – Pará – Brasil
1999**

O PAPEL DO ECONOMISTA NA UTILIZAÇÃO SUSTENTÁVEL DAS FLORESTAS NATURAIS DA AMAZÔNIA¹

Célio Armando Palheta Ferreira²

Entende-se como desenvolvimento sustentável, um desenvolvimento capaz de satisfazer as necessidades atuais das pessoas sem prejudicar o atendimento dessas necessidades no futuro. Portanto, a partir da ECO 92, deverá ser dada mais atenção ao bem-estar do ser humano, causa e efeito de todas as atividades que devem ser desenvolvidas na face da Terra.

Todo projeto para ser sustentável, deve satisfazer a três condições básicas: ser ecológica e tecnicamente possível; viável e rentável economicamente; e social e politicamente factível. Nenhum sistema de produção será sustentável se faltar um desses três pilares.

O desafio principal é entender que o desenvolvimento econômico está inter-relacionado com o desenvolvimento institucional, com o desenvolvimento social e com a sustentabilidade ecológica. Os aspectos sociais e ambientais não devem continuar sendo relegados a segundo plano nas prioridades e urgências temporais.

Este artigo foi escrito com o apoio do Department for International Development (DFID) e nele discutem-se os pontos básicos em que os profissionais da economia podem contribuir para os projetos de manejo de florestas naturais tropicais.

A floresta produz numerosos produtos, que são os bens madeireiros e não madeireiros, e serviços, que são a proteção à fauna e flora, a captura do gás carbônico do ar, a proteção às nascentes dos rios, etc. A utilização não planejada desse recurso natural provocará a diminuição da oferta dos seus produtos a médio e longo prazos. É a manifestação do fenômeno da escassez.

Escassez é problema econômico. O objetivo da economia florestal é contribuir para a melhor utilização dos recursos florestais, orientando-os para a produção racional de bens e serviços úteis para a sociedade, através do emprego de técnicas apropriadas, utilizando custos e valores sociais para os produtos, insumos e demais agregados.

¹ Trabalho publicado em *Movendo Idéias*, Belém, v.1, n.4, p.14-19, jun.1998. Apoio financeiro Embrapa Amazônia Oriental/DFID.

² Econ. Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.

O manejo de florestas naturais consiste em definir e proteger permanentemente uma área de floresta, fazer planejamento de objetivos e produção, ordenar a extração de madeira e adotar medidas silviculturais, quando necessárias, para sustentar a produção e manter ou incrementar o valor das futuras colheitas.

A idéia do manejo sustentável é muito boa, reconhece as possibilidades e limitações produtivas dos ecossistemas. Porém as mudanças esperadas não se tem produzido, em face da concepção e aplicação errônea do modelo, fato que alimenta o seu descrédito e gera inevitáveis frustrações nos agentes envolvidos, com seqüelas negativas que fazem proliferar as atividades ilegais.

Embora havendo consenso que o manejo sustentado de florestas tropicais é tecnicamente possível, este tem sido aplicado em escala diminuta em relação ao total de florestas produtivas do mundo. Até março de 1996, mais de 700 projetos de manejo florestal foram aprovados pelo IBAMA, no Estado do Pará, porém, constatou-se que a grande maioria não está cumprindo com as especificações técnicas contidas nos próprios projetos.

Como demonstrar que os sistemas de regeneração natural e demais recursos envolvidos são economicamente viáveis por si mesmos e melhores do que qualquer outro uso possível das terras? A primeira coisa a fazer é passar da estimativa meramente financeira, em que se fundamenta a avaliação mais usualmente utilizada, para uma estimativa econômica. Esta supõe analisar todos os aspectos relacionados com renda e efeitos diretos e indiretos, bem como examinar todos os resultados a partir de uma perspectiva mais ampla, em que os produtos e insumos devem estar expressos em unidades monetárias que levem em conta seu valor social.

A produção florestal, sob o ponto de vista da sustentabilidade, é gerada por atividades desenvolvidas durante todos os anos previstos em um projeto de manejo, ou seja, são efetuadas inversões que além de gerar renda no primeiro ano do projeto, também gerará renda e benefícios através do tempo, que compensarão as inversões iniciais. Ao contrário, os plantios de espécies florestais exigem uma inversão inicial e o produtor terá que esperar alguns anos para que comece o retorno do investimento efetuado que, dependendo da espécie plantada, do local e do manejo da plantação, pode ter maior ou menor prazo. Esta característica torna o plantio florestal uma poupança, na qual o capital tem um certo rendimento com o tempo. O plantio é uma ótima opção para as áreas já desmatadas.

Nas análises financeira e econômica do uso e manejo sustentável de

uma floresta, utilizam-se os princípios do valor do dinheiro no tempo e da análise custo-benefício, para medir a rentabilidade sob as óticas financeira e econômica. No primeiro caso, com a utilização da taxa de desconto e no último, com o cálculo do Valor Atual Líquido.

Para se alcançar objetivos num projeto florestal, deve-se conhecer, a função de produção das alternativas técnicas propostas. Quando isso não for possível, deve-se estimar coeficientes técnicos, baseando-se em experiências de projetos similares anteriormente desenvolvidos na região, no país e no exterior.

A partir da função de produção, identificam-se os insumos e demais agregados das alternativas técnicas, quantificando os que são conhecidos e utilizando-se dos coeficientes técnicos para os demais. Esta etapa do projeto pressupõe a utilização de uma equipe de elaboração multidisciplinar, pois projetos dessa natureza envolvem aspectos florestais, econômicos, sociológicos, educacionais, conservação de recursos, etc.

A análise financeira, em nível de empresa privada, é utilizada para determinar se a renda gerada por uma determinada atividade produtiva remunera ou não o capital investido. Os indicadores utilizados neste tipo de análise são: Valor Atual (ou Presente) Líquido; Taxa Interna de Retorno; e relação Custo/Benefício.

A rentabilidade do manejo pode aumentar à medida que se aproveite mais produtos da floresta, não só a madeira, e de acordo com o grau de integração vertical da produção.

A análise econômica leva em conta o uso e a produção das florestas naturais, não do ponto de vista da empresa privada, mas do ponto de vista da sociedade como um todo, ou seja, procura estimar a rentabilidade ou o benefício social da atividade em estudo. Numa condição de concorrência perfeita, onde produtores e consumidores estabelecem preços de equilíbrio, então os mesmos indicadores financeiros servem como indicadores da análise econômica. Como esses preços obedecem às imperfeições de mercado, torna-se necessário ajustá-los aos custos de oportunidade, para se preparar os fluxos de custos e receitas da análise econômica.

Muitos sistemas ecológica e socialmente sustentáveis podem não ser do ponto de vista econômico. Essas iniciativas estão, portanto, fadadas ao insucesso, porque não geram uma renda aceitável pelas famílias ou porque não têm, mercado de consumo. Incentivar a produção de um determinado produto que o mercado de consumo não tem estrutura suficiente para absorvê-lo, é um risco sério para a aceitação do sistema. Há que se estudar o

mercado e a comercialização desses produtos, para que não se tenha excesso de oferta, o que faz baixar, às vezes até demais, os preços do produto. A questão do escoamento da produção também deve ser levada em consideração.

Os produtores necessitam estar organizados para enfrentarem as imperfeições e o tamanho do seu mercado de atuação, para que sejam aproveitadas outras oportunidades que a floresta oferece.

Os mercados competitivos constituem a melhor garantia para a produção com eficiência. Os mercados devem ser abertos, devem ter um quadro habilmente definidos e têm que complementar-se mediante uma política social sensata.

Se os mercados internacionais fossem efetivamente abertos, permitiriam o livre fluxo de capital, trabalho e produtos pelo mundo inteiro. Isto seria o ideal. Porém, os mercados internacionais não são livres nem eficientes. No momento atual, quando há tendências de abertura dos mercados nacionais, os mercados internacionais continuam restritos, agora em blocos.

É possível que os mercados impressionem sob o aspecto econômico ou tecnológico, porém, serão de pouco valor se não servirem para melhorar o desenvolvimento da sociedade. Os mercados são o meio e o desenvolvimento humano o fim.

Por outro lado, aos produtos da floresta precisam ser agregadas proporções maiores da renda gerada no processo de produção. Como os produtos da floresta são chamados de primários, têm baixos preços. A maior parte da renda total é gerada após a extração florestal e o proprietário não tem participação nela.

Sem planejamento adequado do uso da terra e com projetos mal elaborados e em tamanho inadequado, é difícil sair da crítica situação atual. Os projetos devem levar em conta o rendimento sustentável de todos os bens e serviços que a floresta possa ou esteja produzindo. Os planos ou projetos de manejo devem conter análises econômicas e financeiras para que possam ser comparados com outras alternativas de inversão.

Os demais setores da economia de um país trabalham com retornos de curto prazo e não consideram a sustentabilidade dos sistemas. As florestas tropicais não podem, em muitos casos, competir financeiramente com outras inversões, mas podem competir economicamente, e, portanto, as condições de financiamento devem ser especiais e mais brandas. A rentabilidade do manejo pode aumentar à medida que se aproveitem outros produtos

florestais, não só a madeira.

O economista florestal pode desempenhar um papel importante na questão do manejo florestal sustentado. Deve iniciar estudos, juntamente com profissionais da área florestal, com o objetivo de incorporar componentes ecológicos e sociais nos métodos de análise dos projetos de manejo, e considerar que os níveis de desenvolvimento dos países são diferentes.

Deve estudar mercados para os produtos não-madeireiros, considerando a potencialidade que esses produtos têm para a medicina, indústria de cosméticos, alimentação e outras indústrias de transformação.

Estudar formas, juntamente com profissionais de outras disciplinas, como químicos e engenheiros mecânicos e florestais, e empresários do setor, para promover a diversificação da produção florestal e o aumento da produtividade, no sentido de diminuir os resíduos deixados na floresta e os queimados nas serrarias, e de maior agregação aos produtos florestais ainda na floresta, para reduzir custos de produção.

De forma integrada com outros profissionais da área e políticos, deve incorporar e propagar a idéia de que o benefício social do manejo florestal tem um valor para sociedade maior do que qualquer prejuízo que a análise financeira possa demonstrar. Este prejuízo, quando houver, deve ser financiado por incentivos florestais. Demonstrar que a floresta em pé é um patrimônio contabilizável para o proprietário da área e que está à sua disposição para negócios como todo bem patrimonial, além dos benefícios intangíveis que proporciona à sociedade. São argumentos de difícil convencimento a empresários que visualizam lucros rápidos, mas, deve-se sacudir e acordar a sociedade da letargia que se encontra, sob pena de que seja mais dolorosa e onerosa para todos a correção da situação no futuro.

Demonstrar que qualquer incentivo terá retorno social maior que o retorno financeiro, para as gerações atual e futura. Envolver neste esforço as ONGs voltadas para a conservação dos recursos naturais, que estejam dispostas a atuar efetivamente em favor da natureza.

Enfim, aos economistas cabe reunir num único sistema, aspectos da economia, que considera as atividades e o comportamento humano, com os da ecologia, que normalmente considera as espécies excetuando o ser humano. Ambas as disciplinas têm a mesma raiz: eco, do vocábulo grego que significa casa. A ecologia é a casa da natureza e a economia é a casa do homem.